

A DISTRIBUIÇÃO GEOLINGUÍSTICA DO ITEM LEXICAL *TOCO DE CIGARRO* NAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Abdelhak Razky*, Eliane Oliveira da Costa*, Marilucia Barros de Oliveira*

Resumo

O léxico da Língua Portuguesa, há muito, tem sido tema de estudos de dialetólogos e geolinguistas brasileiros. Muitos são os trabalhos já publicados sobre a variedade lexical no Português Brasileiro (PB). Isso é constatado por meio do grande volume de trabalhos publicados sob forma de artigos científicos, dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Entretanto, dada a riqueza e diversidade que envolve o tema, é praticamente impossível esgotar as possibilidades de estudo do léxico de uma língua. Neste artigo, usaremos o léxico como objeto de estudo. A análise que faremos se pauta na orientação geossociolinguística. Analisaremos o item lexical *toco de cigarro*, variante linguística que integra o campo semântico “Convívio e comportamento social” do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Trata-se de uma abordagem geolinguística multidimensional que tem por objetivo a elaboração de uma carta lexical experimental para a visualização da variação diatópica, diastrática, dia-geográfica e diageracional do item lexical referido.

Palavras-chave: Variação Lexical. Geolinguística Multidimensional. Atlas Linguístico do Brasil.

INTRODUÇÃO

O estudo científico do léxico tem motivado pesquisadores brasileiros desde o início do século 20, o que se comprova na obra *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 1920), por exemplo, em que o autor demonstra preocupação e interesse pelo léxico do falar brasileiro. Tal interesse se reflete também nos trabalhos de dialetólogos brasileiros

que, no final da década de 60, passaram a elaborar atlas linguísticos que retrataram falares de diferentes localidades do País. O primeiro desses trabalhos foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, 1963). Logo depois, outros atlas foram publicados, segmentados por região¹. Na mesma linha de pensamento desses trabalhos, o projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) foi desenvolvido de forma a corroborar esse interesse pelo léxico, o que pode ser verificado em um de seus questionários, o Questionário Semântico Lexical (QSL) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Esse questionário apresenta 202 itens lexicais que são objeto de pesquisa numa rede de 250 localidades distribuídas pelo território nacional.

Este artigo se inscreve nessa perspectiva de investigação lexical, uma vez que apresenta uma análise de variação lexical nas capitais brasileiras, tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos previstos no projeto ALiB. Neste estudo, é analisado um item lexical do campo semântico “Convívio e comportamento social” do QSL. Descreve-se as diferentes variantes do item lexical *toco de cigarro*. Como o projeto ALiB insere a geografia linguística do espaço brasileiro dentro de uma perspectiva multidimensional, procuraremos observar a variação desse item lexical no espaço físico e social, perspectiva aqui denominada de geossociolinguística.

1 O LÉXICO: TÚNEL DO TEMPO

O léxico, entendido como “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (DUBOIS et al., 2006, p. 364), tem sido estudado sob várias perspectivas. Há, de um lado,

*Universidade Federal do Pará (UFPA).

¹ Esboço de um *Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (ZÁGARI et al., 1977); o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) (ARAGÃO e VENEZES, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe I* (ALS I) (FERREIRA et al., 1987); o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA, 1996); o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) (KOCH et al., 2002); o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II) (CARDOSO, 2002); o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISP) (RAZKY, 2004); o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS) (OLIVEIRA et al., 2008) e o *Atlas Linguístico de Manaus* (ALM) (CRUZ, 2004).

pesquisas que se voltam para o estudo da história do léxico, descrevendo-o e analisando-o com base numa abordagem diacrônica. De outro, existem aquelas que, por meio de pesquisa em campo, registram o falar de determinadas comunidades linguísticas, num plano sincrônico, ou que fazem, ainda, um estudo léxico-comparativo entre o estado atual da fala e os documentos escritos em épocas anteriores, com base, por exemplo, nas correspondências trocadas entre familiares, amigos etc.

A preocupação com a dimensão lexical teve ainda como objetivo a elaboração de dicionários de língua geral, o que contribuiu para a instituição de disciplinas como a Lexicologia e a Lexicografia. Outro interesse nessa dimensão lexical motivou a elaboração de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos que proporcionaram o desenvolvimento de disciplinas como a Terminologia e a Sociotérminologia. Da Terminologia, destaca-se a Terminologia Geral da Terminologia (TGT), desenvolvida por Eugen Wüster, com enfoque mais estruturalista. A Sociotérminologia, por sua vez, tomou por base o valor social e contextual do termo, como defende François Gaudin, um dos fundadores dessa disciplina. Nesse mesmo período, veio a contribuição de Maria Tereza Cabré, fundadora da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Ao longo dessa evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico, a Dialetologia e a Geografia Linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas de várias regiões no mundo. Por isso, essas duas disciplinas se mantiveram vivas do final do século XVIII até os dias atuais.

O mais surpreendente, ainda, é que, no Brasil, a partir de 1996, essas duas áreas tiveram um considerável avanço que pode ser verificado pelo número de publicações científicas de grande porte representadas pelos atlas linguísticos regionais e o atual projeto Atlas Linguístico do Brasil, cujos frutos já se verificam em teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais e em encontros dedicados à Geografia Linguística, como o Workshop do projeto ALiB, que está em sua VIII versão e reúne grande parte dos pesquisadores brasileiros dessa área.

2 O ESTUDO DO LÉXICO: ATLAS BRASILEIROS

Quase todos os atlas regionais publicados no Brasil apresentam cartas lexicais nas quais está registrada a variedade lexical da região pesquisada. Essas cartas são fontes de pesquisa no Brasil e no exterior, já que são consultadas

sempre que a variação espacial e/ou social de um item lexical é objeto de pesquisa. Apresentaremos, a seguir, apenas três exemplos de atlas linguísticos nacionais que constituem um repositório de diferentes formas lexicais, os quais demonstram o empenho dos pesquisadores brasileiros no que se refere, dentre outros, à variação lexical e consolidam as disciplinas de Dialetologia e Geografia Linguística no cenário nacional. Os publicados demonstram também como diferentes pesquisadores vem fazendo, propondo diversificadas maneiras de cartografar itens lexicais no Brasil, revelando diferentes tendências nessa representação.

2.1 O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

O *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (ZÁGARI et al., 1977), segundo atlas regional publicado no país, apresenta 45 cartas com dados lexicais e fonéticos que recobrem as áreas semânticas *tempo* e *folguedos infantis* e, ainda, isoléxicas de fenômenos linguísticos expressivos, como, por exemplo, a ocorrência do item lexical *cerração* em algumas cidades do Estado de Minas Gerais. O questionário usado para o EALMG recobre, além das áreas supracitadas, as áreas semânticas homem, animais, água e terra. A seguir, apresenta-se a isoléxica de *zelação*:

A figura 1, mapeia-se o item zelação, mostrando-se onde o item foi encontrado. Essa carta não apresenta uma representação multidimensional. O objetivo é puramente dialetológico, no sentido de mostrar a relação do item com o espaço físico. Nela, as áreas onde o item é encontrado se mostram bem definidas.

2.2 O Atlas Linguístico da Paraíba

O *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) (ARAGÃO e MENEZES 1984)², terceiro atlas publicado no Brasil, apresenta 149 cartas lexicais que recobrem as áreas semânticas *terra*, *homem*, *família*, *habitação* e *utensílios domésticos*, *aves* e *animais*, *plantação* e *atividades sociais*. O questionário utilizado nos inquéritos experimentais do ALPB está dividido em duas partes: a geral, que recobre as áreas semânticas supracitadas, e a específica, que privilegia o léxico do cultivo dos principais produtos agrícolas da Paraíba. A carta, abaixo, ilustra o mapeamento das variantes de *cerração*. Figura 2.

Pode-se observar que a perspectiva de apresentação dos resultados oriundos da pesquisa realizada é diferente da figura 1. Aqui, os autores do ALPB não registram apenas um item lexical, o esperado no questionário, como se quisessem estabelecer uma isoglossa

² Essas autoras coordenam, ainda, o projeto "Levantamento Paradigma-Sintagmático do Léxico Paraibano"

unicamente para ele, mas apresentam as diferentes formas encontradas na pesquisa realizada, revelando-se a produtiva variação de determinados itens em alguns pontos, como em 02, 04, 06 e 08, por exemplo, que, curiosamente, encontram-

-se bem próximos. Por meio dessa cartografia é possível, também, identificar quais os itens mais ou menos produtivos, quais os que ocorrem exclusivamente numa dada região, dentre outros.

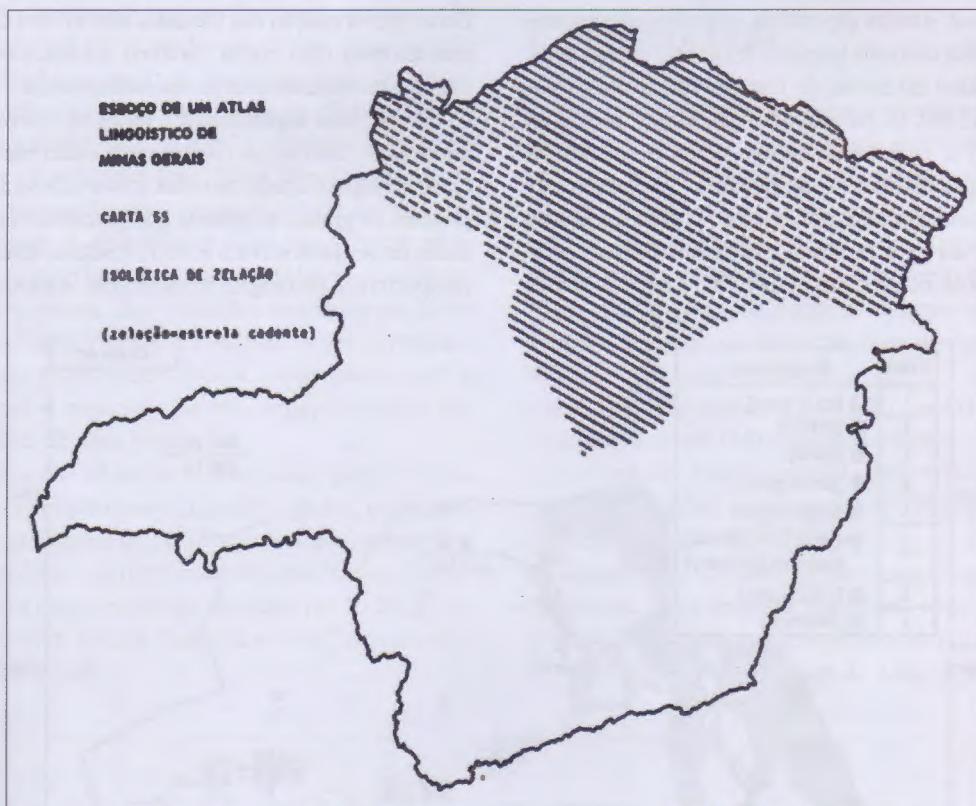


Figura 1 – Carta 52. Isoléxica de *zelação*.
Fonte: Atlas Linguístico (ZÁGARI et al., 1977).

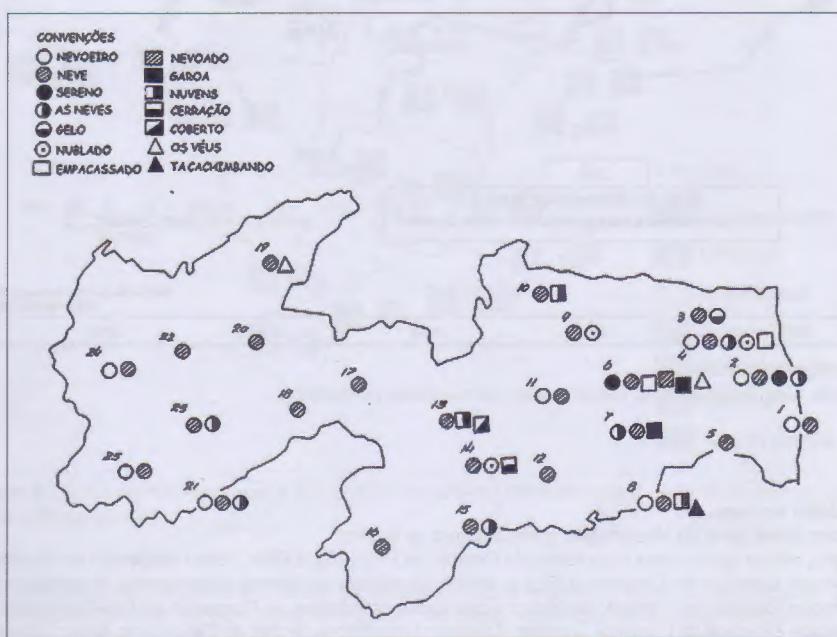


Figura 2 – Carta 024. *Cerração*. Pergunta 23.
Fonte: Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO e MENEZES, 1984)

2.3 Atlas Geossociolinguístico do Pará

O atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA) contempla o léxico do falar paraense utilizando um questionário constituído de duas partes: uma geral, que recobre as áreas semânticas *terra* e *homem*, bem como lenda e superstições e narrativa pessoal; e outra específica, que visa à documentação do léxico das culturas locais (o léxico do caranguejo, da pesca, da cultura do cacau, da farinha, das festas populares etc.). O ALiPA já publicou várias cartas fonéticas (RAZKY, 2004) e, embora ainda não tenha publicado as cartas lexicais que resultaram da pesquisa implementada no projeto, amostras de dados do léxico do português falado no Estado do Pará já foram analisadas em trabalhos de conclusão de curso, como o de Costa (2005)³ e o de Guedes

(2007),⁴ cujos resultados foram apresentados em cartas semântico-lexicais, como a que segue. Figura 3.

Essa carta apresenta o mapeamento das diferentes itens encontrados a exemplo do que se fez no ALPB. Além disso, vai além daquele registro, pois apresenta informação estratificada, considerando-se sexo, escolaridade e faixa etária dos entrevistados. Demonstra a relação das variantes não só com o espaço físico, mas também com outras variáveis sociais. Configurando-se, assim, uma representação geossociolinguística.

Os atlas supracitados e todos os outros concluídos e publicados, bem como os que ainda estão em fase de elaboração no espaço acadêmico das universidades brasileiras, são projetos de grande amplitude que germinam outras possibilidades de pesquisa sobre o léxico⁵. A seguir, apresentamos uma perspectiva dialetológica mais recente, adotada pelo ALiB.

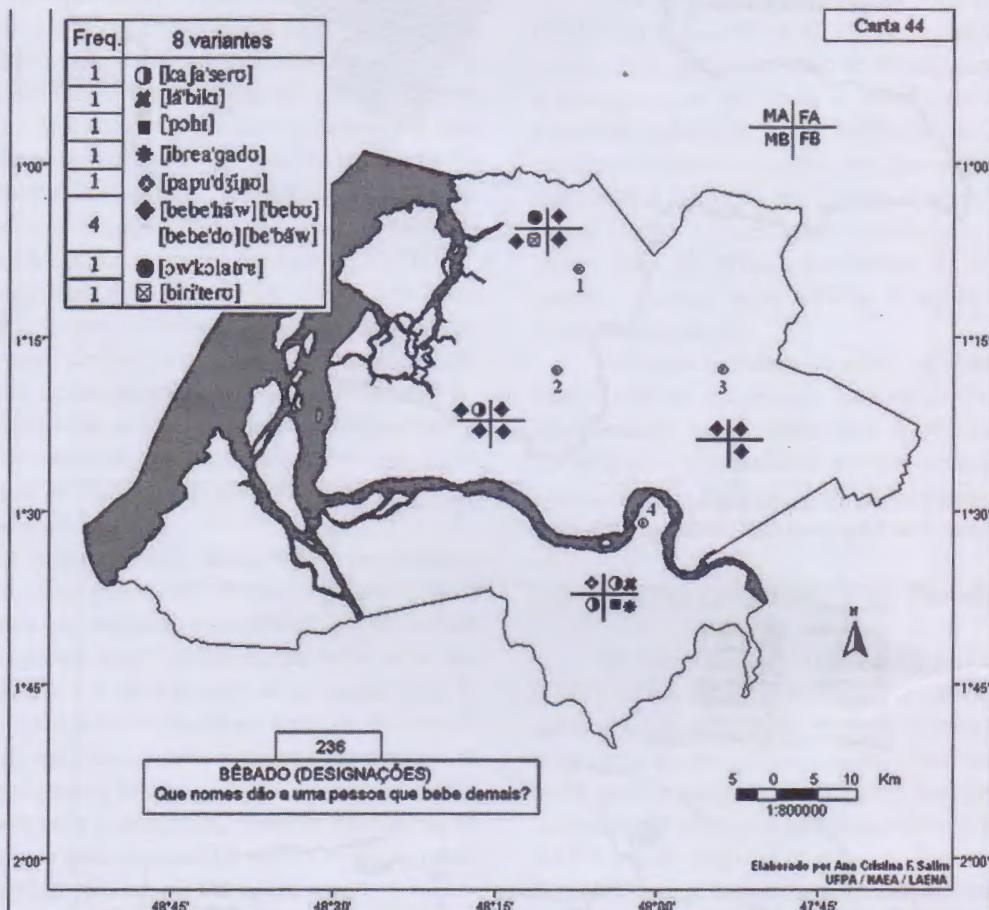


Figura 3 – Carta 4. *Bêbado*.

Fonte: Atlas Linguístico do Pará. (Mesorregião metropolitana de Belém).

³ Variação Lexical no Nordeste do Pará.

⁴ Variação Lexical em Quatro Municípios da Mesorregião metropolitana de Belém.

⁵ Milani (2004), por exemplo, afirma que o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA, 1994) despertou principalmente nos alunos da pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o desejo de estudar os falares paranaenses. A pesquisadora apresenta e discute, então, três dissertações que focalizaram o estudo do léxico e que foram defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina, a saber: *Aspectos Linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geo-sociolinguístico* (LINO, 2000), *Pelos Caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópoles* (ALTINO, 2001) e *Do presente para o passado: um olhar sobre o vocabulário de Tibagi* (TONIOLI, 2002).

3 A PESQUISA LEXICAL NO ALIB

O projeto ALiB, viabiliza, por meio dos seus quatorze campos semânticos⁶, a apreensão da variação lexical numa relação que atravessa três tempos distintos da história dos estudos geolinguísticos no Brasil, a saber: o início do século XX onde iniciam os estudos dialetais, a publicação dos atlas regionais a partir da década de 60 e elaboração do projeto Atlas Linguístico do Brasil no final da década de 90. Essas três fases, que aparecem na elaboração do questionário semântico lexical (QSL), reforçam o contínuo metodológico da geografia linguística brasileira além de acrescentar a dimensão sociolinguística que faltava aos estudos anteriores. A dialetologia atual não é “uma mera geolinguística, como se considerava até alguns anos atrás, como o estudo, apenas, das variações regionais ou diatópicas...” (ARAGÃO, 1999, p. 1). Assim, se percorremos a metodologia do ALiB, notaremos a preocupação com a dimensão social e espacial que são, hoje, evidentes em várias descrições de uma língua.

Os dados das 25 capitais brasileiras, pontos de inquéritos do ALiB, estão transcritos e revisados, o que tem motivado pesquisadores do ALiB a investigar campos semânticos completos ou itens lexicais específicos. Segue como exemplo a carta lexical apresentada por Yida (2010) que mapeou o item lexical “café-da-manhã” a partir dos dados do projeto ALiB.

Na figura 4, é possível perceber uma descrição multidimensional, já que diferentes variáveis são levadas em conta nessa representação. Esse é modelo que seguimos para apresentação e análise da carta que nos propomos a analisar neste artigo. Antes, porém, apresentaremos alguns dados referentes à metodologia adotada nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, buscamos estudar a variação do item lexical *toco de cigarro* em 25 capitais brasileiras. A amostra utilizada aqui faz parte do *corpus* do projeto ALiB. Trata-se de 200 informantes (8 por capital) que responderam à questão 146⁷ do Questionário Semântico-Lexical (QSL), ligada à área semântica Convívio e Comportamento Social. Esses informantes distribuem-se equitativamente, segundo a metodologia do projeto, com base nos grupos de fatores sociais codificados como segue:

- idade: 18 a 30 anos (A) e 50 a 65 anos (B);
- sexo: masculino (M) e feminino (F);
- escolaridade: fundamental (1) e superior (2).

A pesquisa desenvolveu-se mediante a realização das seguintes etapas:

- a) seleção das variantes lexicais registradas nas capitais brasileiras como resposta à pergunta 146;
- b) elaboração da carta lexical *toco de cigarro*⁸;
- c) consulta aos dicionários da Língua Portuguesa, im-

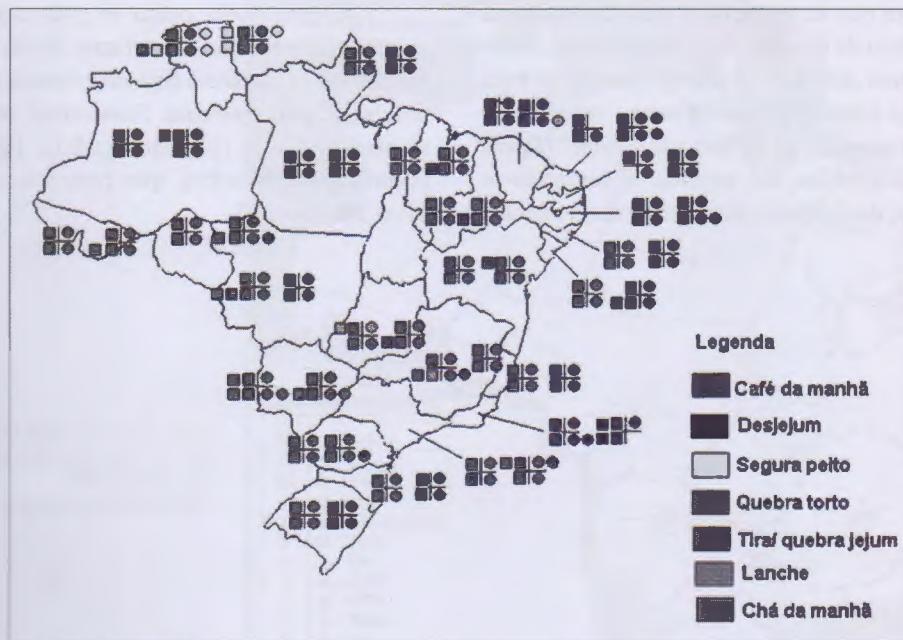


Figura 4 - Carta experimental com a distribuição da variação Quebra-torto e quebra-jejum (variantes para café-da-manhã).

⁶Novidades agropastoris, Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convívio e comportamento social, Religião e crenças, Jogos e diversões infantis, Habitação, Alimentação e cozinha, Vestuários e acessórios e Vida urbana.

⁷Questão de cigarro que se joga fora?

⁸Carta produzida, em colaboração, com Anderson Cidade do Nascimento para seu trabalho de conclusão de curso.

pressos e on-line, para verificar a dicionarização dos itens lexicais encontrados;

d) análise lexical sob a perspectiva espacial e social.

5 ANÁLISE LEXICAL DA CARTA 146 (TOCO DE CIGARRO)

Nesta seção, buscamos analisar a distribuição da variação diatópica e diastrática das variantes lexicais da questão 146 do QSL. Antes, porém, procuramos em dicionários da Língua Portuguesa, impressos e on-line, a presença dos itens lexicais que aparecem nas capitais brasileiras.

5.1 As variantes de toco de cigarro nos dicionários de Língua Portuguesa

O quadro I, a seguir, demonstra a vitalidade do item lexical “toco de cigarro” nos dicionários de língua portuguesa. As variantes de “toco de cigarro” são apresentadas em função da presença do item lexical no dicionário como entrada que constitui uma variante de “toco de cigarro”, como expressão definição da entrada especificada na tabela ou como entrada que tem outro sentido.

Como revela o quadro I, existe uma variedade de itens lexicais com os quais alternam *toco de cigarro* nas capitais brasileiras. Ao todo, foram registradas 23 variantes que se distribuem de forma variável em função do espaço físico e das demais variáveis consideradas na presente pesquisa.

O quadro em que se registrou a presença/ausência das variantes de “toco de cigarro”, nos dicionários consultados, revela que uma carta lexical é, hoje, uma fonte para dicionários que têm como objetivo registrar a diversidade lexical como mostram as cartas de “toco de cigarro” (figura 5, 5a) que serão analisadas, em seguida, observando-se aspectos diatópicos, diastráticos, diafásicos e diagenéticos.

QUADRO I - Variantes de *toco de cigarro*

Variantes	Entrada de dicionário como variante de “toco de cigarro”	Definição da entrada	Entrada com outro sentido
1. Bagana	+	-	-
2. Bituca	+	-	-
3. Guimba	+	-	-
4. Xepa	-	-	+
5. Filtro	-	-	+
6. Ponta	-	-	+
7. Toco	+	-	+
8. Ponta de cigarro	-	+	-
9. Pióla	-	-	-
10. Tóia	-	-	-
11. Piúba	-	-	+
12. Toco de cigarro	-	+	-
13. Coxia	-	-	+
14. Xepa do cigarro	-	-	-
15. Resto	-	-	+
16. Biaba	-	-	+
17. Biana	-	-	-
18. Cigarrete	-	-	-
19. Biteca	-	-	-
20. Bagoga	-	-	-
21. Golá	-	-	+
22. Vea	-	-	-
23. Bituca de cigarro	-	+	-

Iniciamos com a apresentação da distribuição de *toco de cigarro* entre os falantes de ensino fundamental das capitais pesquisadas.

A carta 146a apresenta, ao todo, 19 variantes; sendo *bagana* e *bituca* as mais frequentes, 31 e 15 ocorrências, respectivamente. Não ocorrem, nesse nível de ensino, as variantes [ba'gɔgə], [gɔlə], [ve'a] e [bitukeisi'gafiu].

A carta 146b, como se pode visualizar, a seguir, apresenta um total de 17 variantes. Nela, também são mais produtivas as variantes *bagana* e *bituca*, com 20 e 21 ocorrências, respectivamente. Nesse nível, não ocorrem as variantes [ku'siã], [sepadusi'gafiu], [bi'abe], [bi'ẽna], [sigafietʃi] e [bitekə], que parecem ser exclusivas do nível fundamental.

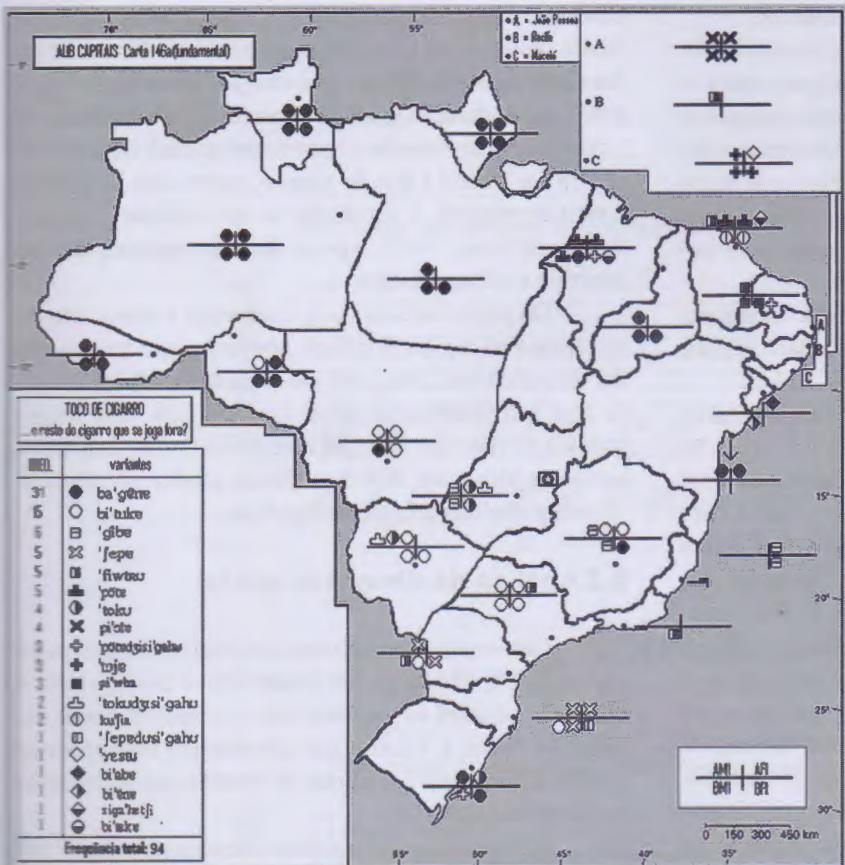


Figura 5 – Carta experimental para *toco de cigarro* nas capitais brasileiras – nível fundamental.

Fonte: corpus do projeto ALiB.

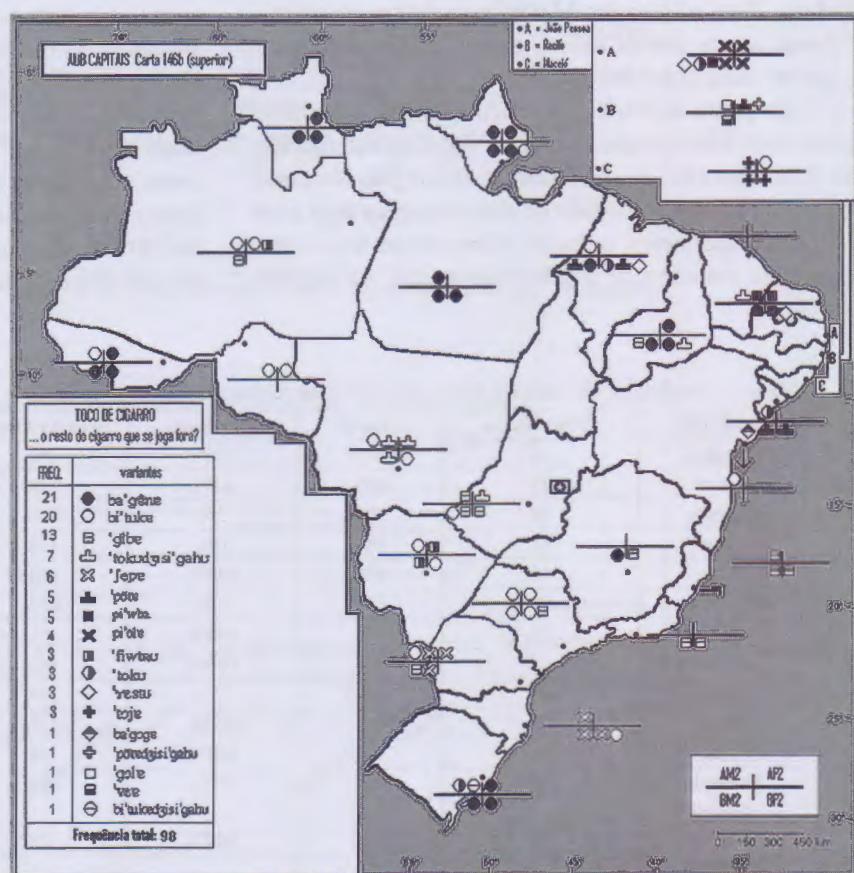


Figura 5a – Carta experimental para *toco de cigarro* nas capitais brasileiras – nível superior.

Fonte: corpus do projeto ALiB.

5.2 Análise de aspectos diatópicos

Dividimos a análise da carta *toco de cigarro* em três dimensões geográficas, quais sejam: territorial, regional e local. A tabela 1 mostra a distribuição das variantes a depender das regiões. Nela, registra-se a freqüência de ocorrência das variantes encontradas em cada uma delas. Como se poderá verificar, algumas delas foram encontradas exclusivamente em determinadas regiões.

Destacam-se, em negrito, na mesma tabela, as variantes que apresentam ocorrência categórica numa dada região, *ponta*, *piola*, *piúba* e *tóia*, no Nordeste, e *xepa*, no Sul.

Do ponto de vista geográfico-territorial, a variante *bagana* é a que apresenta maior produtividade, com 52 ocorrências. No entanto, não podemos dizer que essa variante caracteriza o português brasileiro, pois, com exceção da região Norte, *bagana* aparece de forma pouco produtiva nas demais regiões do Brasil. No Centro-Oeste, encontramos apenas uma ocorrência (2%); no Sul, cinco (10%); no Sudeste, duas (4%) e, no Nordeste, dez (19%). Além disso, quando se refina a análise relativa a essa ocorrência nos Estados que compõem as regiões mencionadas, percebe-se que a variante tem uma ocorrência bastante restrita. Na região Centro-Oeste, ocorre apenas em Cuiabá; no Sul, registra-se apenas em Porto Alegre; No Sudeste, somente em Belo Horizonte. Apenas no Nordeste apresenta-se em mais de uma capital, a saber: São Luís, Piauí e Salvador. Mas cabe ressaltar que ocorre de forma muito tímida nessas capitais, diferentemente do que se pode constatar no Norte.

Do ponto de vista geográfico-regional, a variante *bagana* está concentrada na região Norte, caracterizando esse falar, com 65% das ocorrências. Já a região Nordeste apresenta uma multiplicidade de denominações para *toco de cigarro*. Não temos, portanto, como eleger uma única forma para caracterizar o falar nordestino. As regiões

Centro-Oeste e Sudeste podem ser analisadas conjuntamente, pois as duas se destacam pelo uso das variantes *bituca* (ambas com 29%) e *guimba* (26% no Centro-Oeste e 59% no Sudeste). Quanto à ocorrência de *bituca* nas capitais da região Sudeste, observamos que tal variante não ocorre em Vitória e Rio de Janeiro, onde o uso de *guimba* é mais expressivo. A região Sul se destaca com o uso particular de *xepa*, 100%, apesar de essa variante não ter ocorrido em Porto Alegre.

Do ponto de vista local, despertam a nossa atenção as capitais da região Nordeste, por possuírem formas que lhe são peculiares, como é o caso de *pióla* (em João Pessoa), de *tóia* (em Maceió), de *ponta* (em São Luís, com alguns usos em Fortaleza e Aracaju) e de *piúba* (em Natal). Essas variantes alcançam alta freqüência, conforme tabela 1. Ocorrem exclusivamente no Nordeste.

5.3 Análise da dimensão social

Esta análise será realizada a partir da observação particular dos fatores sociais idade, sexo e escolaridade. A descrição se aterá às variantes que apresentam maior número de dados e àquelas que apresentam discrepâncias significativas entre o número de ocorrências relativas às variantes testadas.

A observação das variantes de *toco de cigarro* sob a perspectiva da faixa etária (gráfico 1) nos permite apontar o produtivo uso de *bagana* e *bituca*. A primeira variante apresenta 32 (62%) ocorrências na fala de pessoas com idade entre 50 e 65 anos, faixa B. Já a segunda variante, apresenta 21 (60%) ocorrências na fala de pessoas com idade entre 18 e 30 anos, faixa A. Podemos deduzir, portanto, que *bagana* caracteriza a fala dos mais idosos e que *bituca* caracteriza a fala dos mais jovens. Esse resultado nos permite dizer que a faixa etária parece ser relevante no uso das duas variantes lexicais. Essa mesma análise pode

Tabela 1 - Distribuição das variantes de *toco de cigarro* nas regiões brasileiras

Variantes	Ocorrências	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Bagana	52	65%	19%	2%	4%	10%
Bituca	35	20%	11%	29%	29%	11%
Guimba	19	5%	5%	26%	59%	5%
Xepa	11	0%	0%	0%	0%	100%
Ponta	10	0%	100%	0%	0%	0%
Toco de cigarro	09	0%	22%	67%	0%	11%
Pióla	08	0%	100%	0%	0%	0%
Piúba	08	0%	100%	0%	0%	0%
Filtro	08	12,5%	25%	25%	25%	12,5%
Toco	07	0%	43%	43%	0%	14%
Tóia	06	0%	100%	0%	0%	0%
Ponta de cigarro	04	0%	75%	0%	0%	25%
Demais variantes	04	0%	100%	0%	0%	0%

ser feita com o uso de *guimba* e *toco de cigarro*, pois *guimba* ocorre 14 (74%) vezes na faixa B e *toco de cigarro* 07 (78%) vezes na faixa A. As outras variantes lexicais são mais significativas do ponto de vista geográfico e não permitem uma análise exploratória de um ponto de vista estatístico.

A análise da variável *toco de cigarro* sob a perspectiva diagenérica (gráfico II) nos revela que essa variável não tem uma influência significativa sobre a escolha dos falantes entrevistados; os resultados são bem aproximados para ambos os sexos.

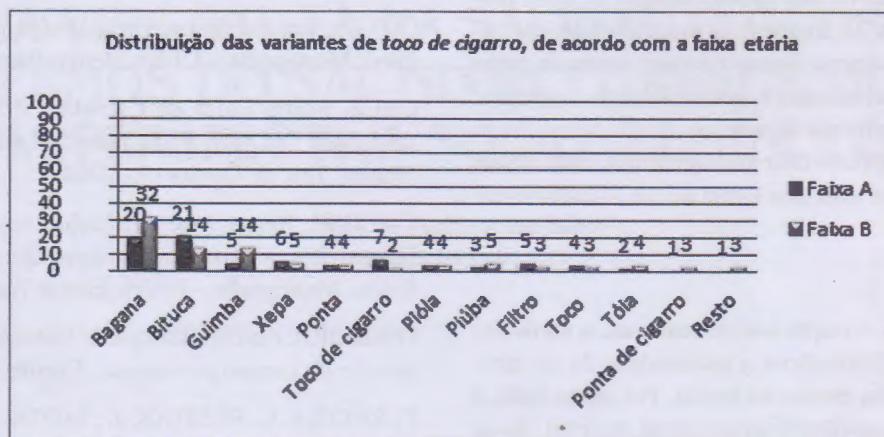


Gráfico I - Distribuição quantitativa das designações para *resto de cigarro que se joga fora*, nas Capitais brasileiras, de acordo com a faixa etária.

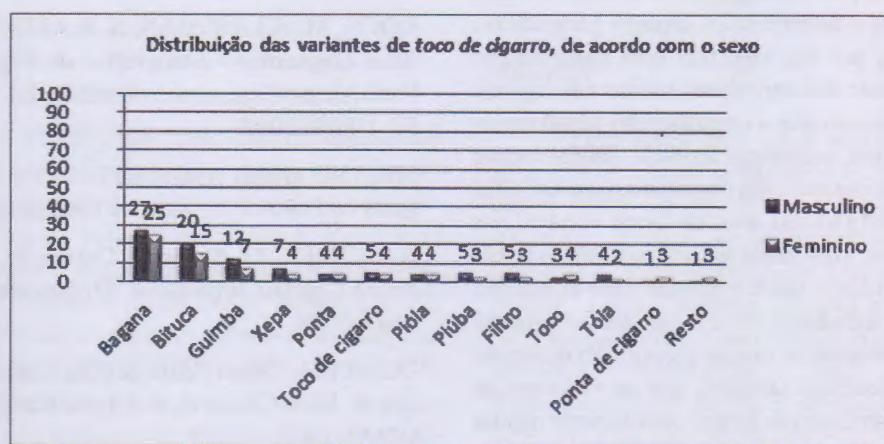


Gráfico II - Distribuição quantitativa das designações para *resto de cigarro que se joga fora*, nas capitais brasileiras, de acordo com o sexo.

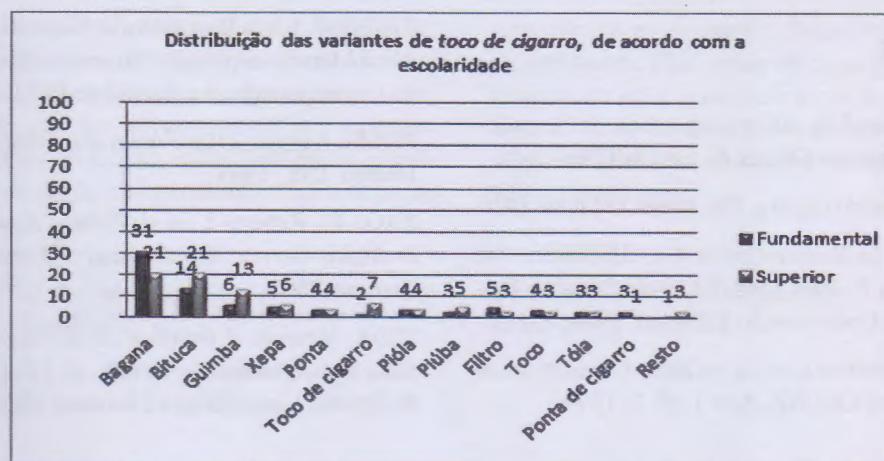


Gráfico III - Distribuição quantitativa das designações para *resto de cigarro que se joga fora*, nas capitais brasileiras, de acordo com a escolaridade.

O exame das variantes sob a perspectiva da escolaridade, atem-se, inicialmente, ao uso de *bagana* e *bituca*. A primeira variante é mais recorrente no nível fundamental 31 (60%) do que no nível superior 21 (40%). Já a segunda variante ocorre mais na fala de informantes de nível superior 21 (60%) do que na fala de informantes de nível fundamental 14 (40%). As frequências mostram que, nas capitais brasileiras, a forma *bagana* é mais utilizada pelos falantes menos escolarizados e que os falantes com nível superior preferem a forma *bituca*.

Em *guimba*, há uma diferença significante entre os dois níveis. O superior usa mais essa forma do que o fundamental.

CONCLUSÃO

A análise da variação lexical realizada, a partir das cartas 146a e 146b, corrobora a necessidade de se aprofundar a pesquisa na dimensão social. Por outro lado, a divisão do Brasil numa dimensão territorial, regional e local deu conta, considerando-se os objetivos estabelecidos, da complexidade de se estudar a variação lexical dentro de sua dimensão geográfica, pois conseguimos relacionar os itens lexicais encontrados a determinados espaços geográficos. A dimensão social, por sua vez, tem uma contribuição significativa no estudo das variedades usadas nas capitais brasileiras. Constatamos que a estratificação social representada por faixa etária, sexo e escolaridade, fatores sociais levados em conta na metodologia do projeto nacional Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), atua de forma variável nas escolhas dos falantes. Aqui, mais especificamente os resultados relativos aos fatores idade e escolaridade dizem que essas variáveis têm influência sobre a escolha dos falantes quanto ao uso das variantes de *toco de cigarro*. Na dimensão espacial, pode-se concluir, também, que as variantes de *toco de cigarro* se distribuem de forma relativamente regular pelo espaço brasileiro. Observa-se, inclusive, variantes exclusivas de algumas regiões, grupo de regiões ou capitais em que a proximidade se mostra significativa.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderlei de. *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.
- _____. *Variação Fonético Lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste*. In: Revista GELNE. Ano 1, nº. 2, 1999.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CARDOSO, Maria Alice Marcelino. *Atlas Linguístico do Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- COSTA, Céliane Sousa. *Variação Lexical no Nordeste do Pará*. Monografia – UFPA. Belém-Pará, 2005.
- CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2004.
- GUEDES, Reges José da Cunha. *Variação Lexical em Quatro Municípios da Mesorregião Metropolitana de Belém*. Monografia – UFPA. Belém-Pará, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua portuguesa*. Curitiba: positivo, 2009.
- FERREIRA, C. FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N. CARDOSO, S. ROLLEMBERG, V.; & ROSSI, N. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- KOCH, M.; KLASSMAN, S. & ALTENHOFEN, Cléo V. *Atlas Linguístico - Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRG/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.
- MILANE, Gleidy Aparecida Lima. *Os Estudos Dialetológicos no Paraná*. In: Estudos Linguísticos XXXIII, 2004.
- NASCIMENTO, Anderson Cidade do. *Variação Lexical em 21 Capitais Brasileiras*. Monografia – UFPA. Belém-Pará, 2008.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). *ALMS - Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: UFPA/CAPES/UTM, 2004. CDROM.
- RIBEIRO, Sônia Bastos Borba Costa, CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). *Dos sons às Palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- ZÁGARI, Roberto L. et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- YIDA, Vanessa. *A interface de dicionários regionais e estudos geolinguísticos: o verbete*. In, I Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá: UEM, 2010.